

2010

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos
REGÊNCIA

Johannes Moser
VIOLONCELO



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie



90 músicos
4 movimentos
10 minutos de aplausos
Um Credit Suisse
apoando a Cultura Artística

Famosa por sua tradição pioneira e excelência coletiva a Sociedade de Cultura Artística toca o público da mesma forma pela qual buscamos conquistar nossos clientes: pela performance.

O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística e continuará apoiando instituições que investem na música clássica no longo prazo.
credit-suisse.com/sponsorship

CREDIT SUISSE 

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2010

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos

REGÊNCIA

Johannes Moser

VIOLONCELO



CREDIT SUISSE

PATROCÍNIO



Telefónica

Sediada às margens do rio Elba, na capital da Saxônia, a Orquestra Filarmônica de Dresden comemora 140 anos de existência em 2010. Sua origem remonta à construção da primeira sala de concerto para a municipalidade de Dresden, inaugurada pela orquestra em 29 de novembro de 1870. Seu nome atual, porém, a orquestra adotaria somente em 1915.

Centenária, a história desse extraordinário ensemble alemão confunde-se com a da própria música erudita como a conhecemos hoje. Compositores como Brahms, Tchaikovsky, Dvorák ou Richard Strauss regeram-no na execução de suas obras, e, dentre inúmeros musicistas ilustres, figuraram em suas fileiras nomes lendários, como os do violinista americano de origem polonesa Szymon Goldberg e do violoncelista italiano Enrico Mainardi.

A Orquestra Filarmônica de Dresden foi um dos primeiros conjuntos alemães a excursionar pelos Estados Unidos, ainda em 1909. O renome internacional viria sobretudo a partir da década de 1930, sob a batuta de Paul van Kempen e de seu sucessor, Carl Schuricht, o que atraiu para o conjunto grande número de importantes regentes convidados, como Hermann Abendroth, Eduard van Beinum, Fritz Busch, Eugen Jochum, Erich Kleiber e muitos outros.

De 1945 em diante, Kurt Masur, Michel Plasson e Marek Janowski são apenas alguns dos grandes nomes da regência sob cuja direção a orquestra vem atuando nas grandes metrópoles mundiais e nos mais prestigiosos festivais musicais de Europa, Ásia e das Américas.

O maestro espanhol Rafael Frühbeck de Burgos é, desde a temporada 2004-2005, regente principal e diretor musical da orquestra. Ainda em 2004, regente e orquestra alcançariam enorme sucesso em turnê pelos Estados Unidos, levando a exigente crítica musical nova-iorquina a louvar o ensemble alemão como um dos melhores do mundo.

"UMA ORQUESTRA QUE PODE SE GABAR DE SUA LIGAÇÃO COM BRAHMS."
THE NEW YORK TIMES, NOVA YORK

Desde então, além de reger a Filarmônica de Dresden em apresentações pelos grandes palcos internacionais, Frühbeck de Burgos vem também dirigindo o conjunto em relevantes registros fonográficos das obras de Strauss, Wagner, Bruckner e Brahms, dentre outros.

Na presente temporada, além dos cerca de oitenta concertos anuais realizados em Dresden e por toda a Alemanha, a Orquestra Filarmônica de Dresden apresenta-se ainda na Espanha e nesta turnê sul-americana, que, além do Brasil, inclui Argentina e Uruguai.

Orquestra Filarmônica de Dresden



Rafael Frühbeck de Burgos

REGÊNCIA



Nascido em 1933 na cidade de Burgos, no norte da Espanha, Rafael Frühbeck de Burgos possui extensa folha de serviços prestados à música erudita em meio século de dedicada e bem-sucedida atuação pelos palcos do mundo todo.

Essa brilhante trajetória teve início com o estudo do violino, do piano e da composição nos conservatórios de Bilbao e Madri, ao qual se seguiu a formação na Escola Superior de Música de Munique, na Alemanha, onde se graduou em regência e composição.

Na qualidade de regente principal, Frühbeck de Burgos começou sua carreira na Orquestra Sinfônica de Bilbao em 1958, de onde saiu para, de 1962 a 1978, dirigir a *Orquestra Nacional de España*, em Madri. Postos de destaque, o maestro ocupou ainda como diretor musical geral da cidade de Düsseldorf, onde atuou também como regente da orquestra sinfônica municipal, e como diretor musical da Orquestra Sinfônica de Montreal, no Canadá.

Nos anos 1990, foi regente e diretor musical da Orquestra Sinfônica de Viena, diretor musical geral da Ópera Estatal de Berlim e, de 1994 a 2000, regente principal da Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim. Em 2001, seria chamado a dirigir a *Orchestra Sinfonica Nazionale* da RAI, em Turim, posto em que permaneceu até 2007.

Frühbeck de Burgos assumiu a regência e a direção musical da Orquestra Filarmônica de Dresden em 2004. De lá para cá, tornaram-se frequentes as turnês por Europa, Américas, Coreia e Japão,

assim como os convites para apresentações em grandes centros musicais europeus, como Viena, Salzburgo, Madri, Colônia e Moscou.

Na condição de convidado, o maestro também rege regularmente numerosas grandes orquestras dos Estados Unidos, da Europa, do Japão e de Israel, além de atuar em importantes festivais internacionais, como, por exemplo, no renomado *Tanglewood Music Festival*, nos Estados Unidos. Dentre os conjuntos de renome à frente dos quais tem se apresentado estão as filarmônicas de Berlim, Munique, Hamburgo e Los Angeles, assim como a Orquestra Filarmônica de Israel e as sinfônicas de Chicago, Pittsburgh, Boston e Londres.

Em estúdio, Frühbeck de Burgos já regeu mais de uma centena de interpretações, algumas das quais alçadas pela crítica à condição de clássicos do disco, como suas gravações de Mendelssohn, do *Réquiem* de Mozart, da *Carmina Burana*, de Carl Orff, e da obra completa para orquestra do compositor espanhol Manuel de Falla.

Em reconhecimento por sua destacada atuação no universo da música de concerto, Rafael Frühbeck de Burgos foi alvo de distinções diversas ao longo dos anos, outorgadas, por exemplo, pelos governos da Alemanha e da Áustria. Na Espanha, é doutor *honoris causa* pelas universidades de Navarra e Burgos, *emeritus conductor* da *Orquestra Nacional de España* desde 1998 e detentor do Prêmio Jacinto Guerrero, o mais importante prêmio musical espanhol.

Johannes Moser

VIOLONCELO

A conceituada revista inglesa *Gramophone* já o caracterizou como "um dos melhores dentre toda uma impressionante galeria de jovens virtuosos do violoncelo". Ele já se apresentou com algumas das principais orquestras do panorama erudito internacional, tais como as filarmônicas de Nova York e Los Angeles, as sinfônicas de Londres e Chicago, a orquestra da Tonhalle de Zurique e a Orquestra Filarmônica de Israel. E costuma atuar sob a batuta de regentes do mais elevado gabarito — uma invejável constelação que inclui Riccardo Muti, Lorin Maazel, Valery Guerguiev, Zubin Mehta e Pierre Boulez, dentre outros.

O teuto-canadense Johannes Moser é sem dúvida estrela em ascensão dentre os grandes violoncelistas da atualidade. Nascido em Munique, em 1979, começou a estudar violoncelo aos oito anos de idade. Posteriormente, na Escola Superior de Música Hanns Eisler, em Berlim, deu prosseguimento a sua formação sob os cuidados do violoncelista, regente e professor David Garingas — ele próprio discípulo de Mstislav Rostropovich.

Ganhador do primeiro prêmio do prestigiado Concurso Internacional Tchaikovsky de 2002, em Moscou, Moser estreou nos Estados Unidos em 2005, atuando com a Orquestra Sinfônica de Chicago sob a regência de Pierre Boulez. Seguiu-se uma movimentada carreira internacional, que, na temporada 2009-2010, inclui, dentre outros compromissos, seu *début* ao lado da Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã, nova turnê pelos Esta-

dos Unidos, a presente temporada sul-americana e apresentações agendadas para Alemanha, Itália, Polônia, Dinamarca e Reino Unido.

Bastante ativo também no circuito internacional de música de câmara, Moser já excursionou pela Europa em trio formado com a violinista Midori e o pianista Jonathan Biss, além de participar com frequência dos mais renomados festivais de música, como os de Schleswig-Holstein, Bad Kissingen, Verbier e Gstaad.

Em estúdio, seu registro de sonatas para violoncelo de Weinberg, Shostakovich e Tchaikovsky rendeu-lhe um *ECHO Klassik* em 2007, seguido de outro no ano seguinte, como "Instrumentista do Ano". Seu álbum mais recente contempla obras de Benjamin Britten e Sir Arnold Bax, dando testemunho do variado interesse musical de Moser, que se estende do Barroco à música contemporânea.

Interesse particularmente caro a esse excepcional violoncelista é também a divulgação da música clássica entre os jovens. Integra esse importante esforço a turnê norte-americana a que Johannes Moser e a pianista e compositora nova-iorquina Phyllis Chen deram início em janeiro deste ano, apresentando-se em universidades e espaços alternativos com um repertório que vai do tradicional ao experimental, sempre com o objetivo de mostrar a música erudita a plateias mais jovens de modo a torná-la atraente a novos ouvintes.



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos DIREÇÃO MUSICAL E REGÊNCIA

Primeiros Violinos

Ralf-Carsten Brömsel
Heike Janicke
Wolfgang Hentrich
Dalia Schmalenberg
Eva Dollfuss
Roland Eitrich
Heide Schwarzbach
Christoph Lindemann
Marcus Gottwald
Ute Kelemen
Antje Bräuning
Johannes Groth
Alexander Teichmann
Annegret Teichmann
Juliane Ketttschau
Thomas Otto
Eunyoung Lee

Segundos Violinos

Heiko Seifert
Cordula Eitrich
Günther Naumann
Erik Kornek
Reinhard Lohmann
Viola Marzin
Steffen Gaitzsch
Matthias Bettin
Andreas Hoene
Andrea Dittrich
Constanze Sandmann
Jörn Hettfleisch
Dorit Schwarz
Susanne Herberg
Christiane Liskowsky

Violas

Christina Biwank
Hanno Felthaus
Beate Müller
Steffen Seifert
Gernot Zeller
Holger Naumann
Steffen Neumann
Heiko Mürbe
Hans-Burkart Henschke
Andreas Kuhlmann
Joanna Szumiel
Tilman Baubkus

Violoncelos

Matthias Bräutigam
Ulf Prella
Victor Meister
Petra Willmann
Thomas Báz
Rainer Promnitz
Karl-Bernhard von Stumpff
Clemens Krieger
Daniel Thiele
Alexander Will
Bruno Borralhinho
Dorothea Vit

Contrabaixos

Peter Krauss
Benedikt Hübner
Tobias Glöckler
Olaf Kindel
Norbert Schuster
Bringfried Seifert
Thilo Ermold
Donatus Bergemann
Matthias Bohrig
Ilie Cozmatchi

Flautas

Karin Hofmann
Mareike Thrun
Birgit Bromberger
Götz Bammes
Claudia Teutsch

Oboés

Johannes Pfeiffer
Undine Röhner-Stolle
Guido Titze
Jens Prasse
Isabel Hils

Clarinetes

Hans-Detlef Löchner
Fabian Dirr
Henry Philipp
Dittmar Trebeljahr
Klaus Jopp

Fagotes

Daniel Báz
Philipp Zeller
Robert-Christian Schuster
Michael Lang
Mario Hendel

Trompas

Michael Schneider
Friedrich Ketttschau
Torsten Gottschalk
Johannes Max
Dietrich Schläp
Peter Graf
Carsten Giessmann

Trompetes

Andreas Jainz
Christian Höcherl
Csaba Kelemen
Nikolaus von Tippelskirch
Roland Rudolph

Trombones

Matthias Franz
Joachim Franke
Peter Conrad
Dietmar Pester

Tuba

Jörg Wachsmuth

Harpa

Nora Koch

Tímpanos e Percussão

Alexander Peter
Oliver Mills
Gido Maier
Alexej Bröse

Superintendente

Anselm Rose

Regente Honorário

Prof. Kurt Masur

Membros Honorários

Prof. Heinz Bongartz
Prof. Wilhelm Kempff
Prof. Dr. Rudolf Mauersberger
Prof. Elly Ney

Apoio à Orquestra

Martin Bülow (Direção)
Matthias Albert (Técnico de Palco)
Herybert Runge (Técnico de Palco)
Gerd Krems (Assistente)

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Agradecemos muito o apoio de nossos patrocinadores.

PATROCINADORES PLATINA

BB SEGUROS
Companhia de Seguros
Aliança do Brasil


SUZANO

PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY

**MACHADO
MEYER**
MACHADO
MEYER
SENACZ
OPICE
ADVOGADOS

PINHEIRO NETO
ADVOGADOS

SEMP TOSHIBA

PATROCINADORES PRATA


AURORA
Estabelecida em 1900


Banco Schahin


Grupo
Promon


Morlan


UNIGEL

PATROCINADORES BRONZE


Leo
MADEIRAS E MUITO MAIS

livraria cultura


RP Rosenberg
Partners


SIFRA



SUZANO



Investindo na *música* para harmonizar *relações*.

CRUZEIROS MUSICAIS

Apreciadores de música clássica usufruem com certa regularidade do prazer de viajar com o objetivo de acompanhar temporadas de óperas e de concertos na Europa ou nos Estados Unidos. Agora, a novidade são os cruzeiros musicais. Se esse tipo de viagem vem atraindo o público de música pop, por que não agradaria também outras plateias? Na edição de abril da revista britânica *Gramophone*, dois anúncios desse tipo chamaram minha atenção. O primeiro, impresso logo nas primeiras páginas, convida o leitor para uma imersão na música clássica em um luxuoso cruzeiro pelo Caribe. A palavra usada pelo anunciante é esta mesmo: imersão. A primeira viagem da empresa, que atende pelo nome de "Symphonic Voyages", está marcada para 3 de janeiro de 2011. Quem quiser conferir as atrações, os preços ou outros detalhes, pode acessar o site <www.symphonicvoyages.com>.

Nas últimas páginas da mesma edição da *Gramophone*, ao lado de anúncios de produtos eletrônicos e de programas de salas de concerto menos cotadas, vejo outro convite com apelo semelhante, ou seja, combinar música e férias *al mare* num só pacote. O roteiro, porém, sugere algo mais charmoso e exclusivo. A viagem começa em Atenas, com embarque marcado para o dia 23 de outubro e chegada a Roma prevista para o dia 30 do mesmo mês. A bordo de um *motor sail ship*, o grupo poderá desfrutar da companhia e, evidentemente, da música da *English Chamber Orchestra* e dos solistas Joshua Bell (violino) e Steven Isserlis (violoncelo). A empresa organizadora chama-se "Travel for the Arts" e também oferece todas as informações no site <www.travelforthearts.co.uk>.

Fica então a pergunta: como seriam essas viagens? O público-alvo é o frequentador de salas de concerto, o mesmo que compra uma revista especializada no assunto, ou seriam turistas à procura de novidades? Será que os músicos tocam para valer, ou estão mais para o clima de férias?

Acho que o melhor lugar para uma imersão musical ainda é uma sala de concerto, mas ideias que façam a música clássica circular por outros ambientes são sempre bem-vindas. Um festival Villa-Lobos às margens do rio Amazonas, talvez? Por que não?

Gioconda Bordon

gioconda@culturaartistica.com.br

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

3 de maio, segunda-feira, 21H

WOLFGANG RIHM (1952)

Brahmsliebewalzer (Drei Walzer, valsa nº 2)

c. 7'

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)

Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Lá menor, opus 129

c. 25'

Não demasiado rápido

Lento

Bastante animado

INTERVALO

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 1, em Dó menor, opus 68

c. 40'

Poco sostenuto — Allegro

Andante sostenuto

Un poco allegretto e grazioso

Andante. Più andante. Allegro non troppo ma con brio. Allegro

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

4 de maio, terça-feira, 21H

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2010

RICHARD STRAUSS (1864-1949)

Dom Quixote

Variações fantásticas sobre um tema de caráter cavaleiresco, opus 35 *c. 40'*

- Introdução. Moderado
- Tema. Moderado
- Variação 1. Lento
- Variação 2. Belicoso
- Variação 3. Moderado
- Variação 4. Pausado
- Variação 5. Muito lento
- Variação 6. Rápido
- Variação 7. Um pouco mais calmo
- Variação 8. Lento
- Variação 9. Rápido e tempestuoso
- Variação 10. Bastante pausado
- Finale. Muito calmo

INTERVALO

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 73 *c. 50'*

- Allegro non troppo
- Adagio non troppo
- Allegro grazioso, quasi andantino
- Allegro con spirito

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

NELSON GOERNER Piano

Série Branca, 18 de maio, terça-feira
Chopin Polonesa opus 44, 2 Noturnos opus 62,
Polonesa-Fantasia opus 61, 12 Estudos opus 10

Série Azul, 19 de maio, quarta-feira
Chopin Polonesa opus 44, 2 Noturnos opus 62,
Polonesa-Fantasia opus 61
Schumann Estudos Sinfônicos opus 13

Sala São Paulo

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BASEL

SOL GABETTA Violoncelo

Série Branca, 31 de maio, segunda-feira
Série Azul, 1º de junho, terça-feira

Bartók Danças Populares Homenas
Leopold Hofmann Concerto para Violoncelo e
Orquestra em Ré maior
Bartók Divertimento para Orquestra de Cordas
Haydn Concerto para Violoncelo e Orquestra nº 1

Informações e ingressos:
(11) 3258 3344

Vendas online:
www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2010 encontra-se
disponível em nosso site uma semana
antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA — 2010

Este ano, toda contribuição ao programa de Amigos e Mantenedores será revertida para o projeto de reconstrução de nosso teatro. A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 80% do valor que você investe no projeto, até o limite de 6% de seu imposto de renda a pagar.

MANTENEDORES

Adelia e Cleómenes Dias Baptista (l.m.)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airtón Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Alvaro Luiz Fleury Malheiros
Amerbras Ind. e Comércio Ltda.
Ana Maria L. V. Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cirtra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azavedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Arsenio Negro Junior
Bruno Alois Nowak
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Editora Pinsky Ltda.
Eliisa Wolyniec
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Gérard Loeb
Gioconda Bordon
Giorgio Nicoli
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Maffei
Henrique Meirelles
Henry Philippe Reichstul
IDORT/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Jorge e Léa Diamant
José E. Mindlin
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Lívio De Vivo
Lucia e José Carlos Evangelista
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Alves Pereira
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Stuhlberger
Marie Bonomi
Maria Stella Moraes R. do Valle
Mario Arthur Adler
Mario Augusto Ceva
Michael e Alina Perlman
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros

Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oswaldo Henrique Silveira
Otacilio José Coser
Paulo Cesar C. B. C. Aragão
Paulo Julio Valentino Bruno
Percival Lafer
Raphael Pereira Crizantho
Renata e Sergio Simon
Ricard Takashi Akagawa
Ricardo Ramenzoni
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Raul Korbitcher
Salim Taufiq Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Silvia Dias de Alcantara Machado
Suzana e Aleksander Mizne
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Tamas Makray
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Wolfgang Knapp
9 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
Adroaldo Moura da Silva
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
BVDA/Brasil Verde Design
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Cassio Casseb Lima
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Cláudio Roberto Cernea
Denise Ascensão Klatchoian
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zóbaran
Eduardo Telles Pereira
Elga Marte e Rita Marte de Arruda Sampaio
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elio Sacco
Elisa Villares L. Cesar
Eric Alexander Klug
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Frederico Lohmann
Giancarlo Gasperini
Guilherme A. Plonski
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroude
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Inort Rueda
Iosif Sancovsky
Irto de Souza
Isaac Popoutchi
Israel Sancovsky
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme A. da Silva Telles
Jayme Vargas
Jorge e Liana Kail
José Avelino Grotta de Souza
José Carlos Moraes de Abreu
José e Priscila Goldenberg
José Otavio Fagundes
José Paulo de Castro Emsenhuber
Kaili Cury Filho
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer

Lilia Klabin Levina
Lilia Salomão
Livreria da Vila
Luiz Ablas
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Marcello D. Bronstein
Marcelo Mattos Araújo
Marcio Augusto Ceva
Marco Tullio Bottino
Maria Claudia Ballesteros
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Nazareth Kuczynski
Maria Teresa Igel
Mariene Rezende Melo
Marina Lafer
Marina Medici Misasi
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Marta Katz Migliori
Mauricio Leonzini
Methow Consultoria Empresarial
Norma Vannucci Di Grado
Olavo Egydio Setubal Jr.
Patrick Charles Morin Jr.
Paulo Guilherme Leser
Paulo Proushan
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Lanzi
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Ricardo L. Becker
Rita de Cassia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Samuel Seibel
Sergio Almeida de Oliveira
Sergio G. de Almeida
Sergio Leal C. Guerreiro
Sheila Hara
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vivian Abdalla Hannud
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (l.m.)
36 Amigos Anônimos

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223 ou escreva para administracao@culturaartistica.com.br

Lista atualizada em 23 de abril de 2010.

APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Agência Estado
Aggrego Consultores
Álvaro Luis Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Ana Maria Xavier
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antônio Fagundes
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Area Parking
Arnaldo Malheiros
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Safra
Beatriz Segall
Brasília de Arruda Botelho
Bruno Alois Nowak
Camila Zanchetta
Camilla Telles Ferreira Santos
Carmen Lidia Minidi Pedroso
Carta Capital
CBN
Claudio Cruz
Claudio e Rose Sonder
Claudio Lottenberg
Claudio Roberto Cernea
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Compacta Engenharia
CCE
Condomínio São Luiz
Credit Suisse
Credit Suisse Hedging-Griffo
Diário de Guarulhos
Editora Abril
Editora Contexto (Editora Pinsky)
Editora Globo
Editora Três
Elaine Angel
Ercilia Lobo
Erwin Herbert Kaufmann
Famílias Fix, Korbivcher e Ventura
Fernando Francisco Garcia

Fernão Carlos Botelho Bracher
Folha de S. Paulo
Francisco Humberto de Abreu Maffei
Frederico Perret
Fundação Padre Anchieta
Fundação Promon
Gabriela Duarte
Gilberto Kassab
Gilberto Tinetti
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Leoni Maffei
Henri Philippe Reichstull
Hotel Ca' d'Oro
Hotel Maksoud Plaza
Idort/SP
iG
Israel Vainboim
Izilda França
Jacques Caradec
Jamil Maluf
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Dias
José Carlos e Lucila Evangelista
José Roberto de Camargo Ópice
José Roberto Mendonça de Barros
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Lúcia Cauduro
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados
Marcelo Mansfield
Marco Nanini
Maria Adelaide Amaral
Maria Helena Zockun
Mario Arthur Adler
Marion Meyer
Max Feffer (*i.m.*)

McKinsey
Michael e Alina Perlman
Mônica Salmaso
Nelson Breanza
Nelson Kon
Nelson Vieira Barreira
O Estado de S. Paulo
O Futuro
Orquestra Filarmônica Brasileira
Oscar Lafer
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Rádio Bandeirantes
Rádio Eldorado
Revista Brasileiros
Revista Concerto
Revista Piauí
Ricardo Ramenzoni
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Minczuk
Santander
Seleções Reader's Digest
Semp Toshiba
Sidnei Epelman
Silvia Ferreira Santos Wolff
Silvio Feitosa
Susanna Sancovsky
Sylvia Leda Amaral Pinho de Almeida
Talent
Tamas Makray
Teatro Alfa
Terra
TV Globo
Unigel
Uol
Ursula Baumgart
Vera Hercilia Faria Pacheco Borges
Zuza Homem de Mello

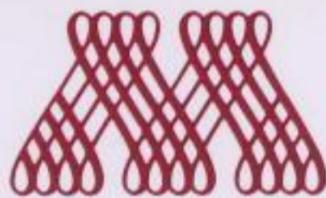


MAKSOUUD PLAZA

*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOUUD PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas

Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11

www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

WOLFGANG RIHM (1952)

Brahmsliebewalzer (Drei Walzer, valsa nº 2)

Durante o século XX, dois dos compositores que mais escreveram música foram o francês Darius Milhaud e o brasileiro Heitor Villa-Lobos. Cada um deles parece ter nos deixado mais de mil obras. Pois bem: aos 58 anos completados em março, o alemão de Karlsruhe Wolfgang Rihm parece estar destinado a ser um dos artistas mais prolíficos deste novo século. Prova disso é seu catálogo, que inclui até o momento cerca de quatrocentas partituras, dedicadas às mais variadas formas de manifestação musical — e não para de crescer. Nele, o artista vai da ópera à missa, passando pelo balé, pela música de cena, a música orquestral e a de câmara, além de partituras corais-orquestrais e para coro *a cappella*, ao lado de canções e de uma produção nada desprezível para piano solo.

Ao notar o “caos organizado” de sua casa na Alemanha, um repórter inglês levou o compositor a confessar, olhando para as pilhas de livros, partituras e gravações espalhadas pelo estúdio: “É a combinação da qual necessito. Uma parte corrige a outra e, assim, chego a uma espécie de equilíbrio”. Sua música, etiquetada de “pós-moderna”, também já foi colocada nas tendências do “Neoexpressionismo” e da “Nova Simplicidade” alemã, que, durante as décadas de 1960 a 1980, rebelaram-se contra a “complexidade” da música de vanguarda de então. Muito premiado, ele é um dos artistas que efetivamente dominam a cena musical europeia.

Rihm foi criança prodígio. Começou a compor aos 11 anos de idade, para depois ir estudar com alguns dos mais prestigiados mestres da época, recebendo os mais diversos ensinamentos — de Fortner a Stockhausen. Se na juventude foi influenciado pela produção lacônica de Webern e Feldman, depois ligou-se à arte mais discursiva de Lachenmann e de Nono, ao mesmo tempo que mergulhou na produção de Schoenberg. Nos últimos tempos, diz ele, para espanto dos ouvintes que acompanham seu trabalho, anda sentindo atração especial por Elgar e Sibelius.

Chamado por um jornalista alemão de “onívoro prolífico”, Rihm costuma ir, em sua música, da violência de raiz expressionista à amabilidade afável de certo romantismo caseiro. Suas *Drei Walzer* (Três valsas) para orquestra foram escritas entre 1979 e 1988 e podem ser executadas separadamente. Com elas, o compositor pretendeu relativizar as fronteiras postas entre música

“séria” e música “ligeira”, entre o clássico e o popular. A segunda dessas valsas — *Brahmsliebewalzer* (Valsa amorosa de Brahms) — foi escrita entre 1985 e 1988, sob a inspiração das duas coleções de *Liebeslieder* que Brahms compôs no final da década de 1860, destinando-as a quarteto vocal e acompanhamento de piano a quatro mãos. A música de Alban Berg também é evocada aí. A peça de Rihm prevê em sua orquestra a presença de 8 madeiras, 9 metais, harpa, piano, tímpanos, 4 percussionistas e 40 ou mais cordas.

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)

**Concerto para Violoncelo e Orquestra,
em Lá menor, opus 129**

Escrito no final da trágica existência do artista, o Concerto para Violoncelo “é uma obra genial, de grande originalidade”, segundo o musicólogo Carl de Nys. Na verdade, além de bastante inspirado, esse concerto soou como uma autêntica novidade em sua época. Antes de mais nada, seu lirismo aproxima-o mais do universo de Chopin do que do clima heroico dos concertos de Beethoven. Além disso — exatamente por sua feição lírica —, faz com que o violoncelo solista domine o aparato orquestral, resolvendo o eterno problema do concerto para esse instrumento, que, funcionando sozinho diante de uma orquestra sinfônica, raramente consegue ser bem ouvido. Finalmente, do ponto de vista formal, a obra continuava as imaginosas experiências de Schumann visando a inter-relacionar todos os movimentos de uma partitura concebida em várias seções.

O Concerto para Violoncelo foi escrito em poucos dias, durante o outono de 1850, em Düsseldorf, para onde o compositor se transferira, a fim de tentar — com resultados desastrosos — a carreira de regente e de diretor de música da municipalidade. Imediatamente depois, Schumann entregou-se à composição da sua sinfonia “Renana”, possivelmente sua obra sinfônica mais belamente colorida. Seguiram-se sua tentativa de suicídio, ao se jogar no rio Reno, e, no início da década de 1850, o pedido para ser internado em uma instituição para alienados mentais.

O movimento inicial do Concerto para Violoncelo, marcado *Nicht zu schnell* (não demasiado rápido), está em forma-sonata (Exposição, Desenvolvimento, Recapitulação e Coda) e é precedido de três acordes da orquestra. Seu primeiro tema, mostrado nas sonoridades agudas do violoncelo, é ardente e apaixonado. Um pouco depois, é de

novo o solista quem mostra o segundo elemento pedido pelo esquema formal — uma ideia discursiva e mais contida, em Dó maior. Ambos os motivos são amplamente trabalhados nas várias seções da forma-sonata. Em sua Coda, uma engenhosa transição orquestral nos leva diretamente ao movimento seguinte.

O Lento (*Langsam*) que vem então, em Fá maior, é “tão belo como tudo que Schumann compôs de melhor”, como lembrou acertadamente Joan Chissell. Em forma-canção (A-B-A), esse movimento curto é dominado pelo tema fervoroso e meditativo entregue ao *cello* solo. Este explora as cordas duplas na seção central, sendo aí acompanhado pelos *pizzicati* das cordas da orquestra. No final, a atmosfera intimista é interrompida pelas madeiras e pelas trompas, que trazem à baila, com muito ânimo, o tema principal do primeiro movimento. E é nesse clima extrovertido que somos levados diretamente ao movimento final.

No *Finale*, em compasso binário e na tonalidade principal da obra, Lá menor, o *Sehr lebhaft* (bastante animado) é posto em marcha pelo tema apresentado com garbo e de maneira um tanto caprichosa pelo solista. Uma célula rítmica retirada dessa ideia dará ânimo a toda a seção final. O solista também se encarrega do segundo tema, de caráter contrastante, algo comedido, mas particularmente bem-humorado. Eles balizam as partes da forma-sonata até que, no fim da Reexposição, Schumann consegue surpreender a plateia com uma cadência *acompanhada*, algo inédito em seu tempo. Ela desemboca na Coda curta e muito brilhante que encerra o concerto.

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 1, em Dó menor, opus 68

Deixando a fria Hamburgo onde nascera, no norte da Alemanha, Brahms adotou a mais meridional Viena, a capital da Áustria, como sua segunda pátria. Ali, ele era muito considerado, tido como o mais fiel herdeiro de Beethoven. Essa condição, à parte ser prestigiosa, trazia um problema sério para o artista: ela o inibia muito quando ele se entregava à abordagem de formas já exploradas pelo venerado Mestre de Bonn. Foi bem por causa disso que Brahms tentou compor sua primeira sinfonia durante quase 20 anos de árduo trabalho. Mas, por fim, conseguiu escrevê-la entre 1874 e 1876, vendo-a triunfar em Karlsruhe e Viena. O antiwagneriano Eduard Hanslick, crítico musical da cidade, ficou tão encantado com

a Sinfonia em Dó menor que chegou a chamá-la de “A Décima de Beethoven” — visão equivocada, diga-se de passagem.

Certamente, a Primeira Sinfonia de Brahms obedecia, em linhas gerais, aos cânones estabelecidos pelas obras congêneres de Beethoven. Mas o tratamento dado às formas revisitadas, ao colorido orquestral e até mesmo o próprio tom expressivo do discurso pertenciam a outro universo musical, bem diferente. A beleza dos temas, a riqueza das harmonias, a plasticidade da orquestração e a sólida edificação da arquitetura fazem com que, ainda hoje, essa sinfonia continue sendo muito admirada pelo público de concerto.

Brahms dá início a sua Primeira Sinfonia com uma introdução solene e muito impressionante, na qual os timbales têm papel de destaque. Segue-se o esperado *Allegro*, em forma-sonata, sobre três temas bem salientes. A vastidão e a solidez desse movimento entremeiam sentimentos de angústia e grandeza, de introversão e de exaltação. Ele chega ao fim em tonalidade maior.

O *Andante sostenuto* que vem em seguida é envolvente e compassado. Nele, o compositor nos oferece uma de suas mais raras inspirações melódicas, que os violinos cantam, antes de entregá-la ao oboé, e este, ao clarinete. A vasta respiração desse longo tema repousa sobre uma orquestração transparente, tecida com supremo refinamento.

Em terceira colocação na obra, onde os mais tradicionalistas haveriam de esperar um rústico e másculo *Scherzo*, como fazia o Beethoven da maturidade, Brahms colocou um delicioso, meigo e feminino *intermezzo*, instância na qual sua imaginação não se cansou de oferecer ideias sutis, brandas e elegantes a seus ouvintes mais atentos e sensíveis.

O *Finale*, o mais longo movimento da Sinfonia em Dó menor, é também o mais complexo. Nele, vários materiais temáticos organizam uma estupenda sucessão de episódios contrastantes, que, na medida em que caminha a música, se mostram solidários e necessários à elevação de uma portentosa arquitetura sonora. A uma lenta introdução em acordes sucede uma passagem em *pizzicati* das cordas, logo seguida de poderosas ampliações da sonoridade orquestral. Vem, então, uma espécie de “coral” de atmosfera religiosa, que, por fim, carrega-nos ao tema principal do movimento, exibido nos registros mais graves dos violinos — um hino comovente, que não deixa de lembrar o chamado “Tema da

Alegria” da Nona Sinfonia de Beethoven. Quando tudo faz crer que a obra está para ser finalizada, a generosidade do compositor oferece-nos ainda outro longo tema de grande beleza, cantado pelas cordas. Na peroração final, este e outros motivos, como aquele batizado de “Homenagem a Beethoven”, são agenciados a fim de completar a sinfonia em pauta de triunfo.

RICHARD STRAUSS (1864-1949)

Dom Quixote. Variações fantásticas sobre um tema de caráter cavaleiresco, opus 35

Strauss completou seu poema sinfônico Dom Quixote, em 1898, como uma série de “variações fantásticas sobre um tema de caráter cavaleiresco”. Partindo dessa forma clássica, acabou por destinar a obra a um violoncelo solista e grande orquestra sinfônica, que ele tratou com sua habitual maestria. A primeira ideia para a nova partitura havia lhe ocorrido quando viajava pela Itália com a mulher, a cantora Pauline de Ahna. Ele, então, anotou em seu diário que desejava compor “uma obra tragicômica sobre a personagem de Cervantes”, por meio de “variações livres e loucas”.

São muitos aqueles que consideram Dom Quixote o mais belo poema sinfônico do autor. Isso porque ele reúne e contrapõe, de maneira suprema, representações musicais antitéticas de sonho e realidade, idealismo e banalidade, colocando lado a lado sofisticação e simplicidade. Musicalmente, a obra é muito rica, em todos os sentidos. O material temático é concebido com enorme imaginação. E as variações, por sua volta, abrem um leque de situações expressivas, resplandcentes. Assim, ouvir essa obra como “música pura” pode vir a ser uma aventura muito prazerosa. Entretanto, para aqueles que gostam de histórias, de narrativas ilustradas musicalmente, Michael Kennedy já produziu um bom roteiro. Através dele, pode-se acompanhar mais de perto as aventuras representadas nesse poema sinfônico. Eis uma síntese do texto do musicólogo inglês:

Introdução: Por haver lido romances de cavalaria demais, Dom Quixote perde o bom senso e resolve tornar-se um cavaleiro andante.

Tema: Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura (violoncelo solo), e Sancho Pança, seu fiel escudeiro (clarone, tuba tenor e solo de viola).

Varição 1: O estranho par cavalga na esperança de encontrar a amada do aristocrata, a bela Dulcineia del Toboso; aventura com os moinhos de vento.

Varição 2: Vitória sobre o exército do imperador Alifanfarrão, um gigante, dono de toda uma ilha (batalha contra o rebanho de ovelhas).

Varição 3: O fidalgo mantém conversação com seu fiel escudeiro, que lhe pede preceitos e adágios célebres e ponderados.

Varição 4: Desafortunada aventura com uma procissão de penitentes.

Varição 5: Dom Quixote faz a guarda de suas armas; abre o coração para sua Dulcineia distante.

Varição 6: Encontro com uma camponesa que Sancho informa a seu mestre tratar-se de Dulcineia sob os efeitos de um maléfico encantamento.

Varição 7: Cavalgada pelos céus.

Varição 8: Viagem sob o céu estrelado no barco encantado (barcarola).

Varição 9: Batalha contra os supostos feiticeiros, dois pequenos frades em suas mulas.

Varição 10: Combate contra o Cavaleiro da Lua Branca; Dom Quixote é jogado ao chão, dá adeus a suas armas e volta para casa, com a intenção de se tornar um pastor.

Finale: Tendo recobrado o senso, Dom Quixote se entrega a meditações; sua morte.

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 73

Ainda que pertencendo à segunda geração de músicos românticos, Brahms foi, enquanto engendradora de formas, um artista clássico. Claro está que a necessidade de mostrar ao público sua esfera íntima, subjetiva, sempre fez dele um autêntico romântico. Entretanto, ao transformar seu universo interior em obras musicais rigorosamente construídas, ele raras vezes se afastou dos modelos que herdara da tradição, que amava tanto.

Foi dessa maneira que, do ponto de vista formal, as sinfonias de Brahms amplificaram os modelos tradicionais. O objetivo dessa operação foi injetar nos velhos arquétipos um novo cosmo expressivo, baseado na visão de que toda uma retórica anteriormente voltada para a enunciação dos dramas coletivos (um dos ideais clássicos) poderia ser posta a serviço da revelação — contida, mas autêntica e profunda — do “eu” individual romântico.

Se a Primeira Sinfonia custara ao compositor quase duas décadas de penosos esforços, a Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 73, só lhe ocupou alguns meses dos felizes verão e outono de 1877. A obra foi iniciada em uma pequena localidade

bb.com.br

Todo
seu



CNPJ: 28.196.689/0001-43 - Processo SUSEF nº 10.003327/00-21 - Abril/2009



Um produto da Companhia de Seguros Aliança do Brasil comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. O registro deste plano na SUSEF não implica, por parte da Autoridade, incentivo ou recomendação a sua comercialização.

Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

da Caríntia, Pörschach, situada à margem do Wörthersee, lago vizinho aos Alpes. O compositor tinha, na época, 43 anos e levava a vida de um solteirão solitário que gostava de estar em contato com a natureza. A paisagem da região na qual ele compôs boa parte da nova obra parece ter inspirado o clima geral da partitura, frequentemente pastoral e idílico. O próprio músico, enquanto escrevia a nova sinfonia, confessaria a um amigo que a região em que se encontrava o fascinava sobremaneira, e que o Wörthersee era, em essência, um "solo virgem, onde as melodias nascem em tal quantidade que é preciso tomar cuidado ao passear, a fim de não amassá-las com os pés". A Segunda Sinfonia agradou público e crítica desde a sua estreia, ocorrida a 30 de dezembro de 1877, em Viena.

Seu primeiro movimento, um *Allegro non troppo* na tonalidade de Ré maior e em compasso 3/4, emprega três grupos principais de temas em sua forma-sonata. O primeiro deles aparece nos compassos iniciais — uma melodia de caráter sonhador, apresentada pelas trompas e desenrolada pelas madeiras. Uma transição nas cordas conduz ao segundo grupo de temas, onde um novo motivo importante é exposto (*dolce*) pelos violinos e logo ecoado pelos sopros. Uma outra ponte, bastante condimentada, leva ao terceiro grupo temático, apresentado (*cantando*) por violas e violoncelos e dominado por uma melodia amorosa. Alcança-se, assim, o clímax da Exposição. Um solo das trompas, comentado por oboés e flautas, dá início ao elaborado Desenvolvimento, muito bem urdido, sobre os dois primeiros grupos temáticos. Vem, então, a Recapitulação, com material pertencente ao terceiro grupo temático, exibido nos violinos e violoncelos. E, na bela e concentrada Coda, algumas ideias já mostradas são utilizadas para dar um final sereno ao movimento.

O segundo movimento, de expressão profundamente poética, está marcado *Adagio non troppo*. Possui a forma tripartite de canção (esquema A-B-A) e vive de um primeiro tema, terno e melancólico, mostrado pelos violoncelos. Aos poucos, instrumentos de madeira e metal vão sendo acrescentados a essa linda melodia, que, com a expansiva adesão dos violinos, alcança o seu ápice. Um *diminuendo*, em que se nota a participação dos clarinetes sobre figuras ascendentes das cordas graves, leva à segunda parte do movimento (B). Essa seção de contraste (*L'istesso tempo, ma grazioso*) é aberta com um tema dado à flauta, que tem o aspecto doce e feliz, sendo

ligeiramente sincopado. Outro motivo, exibido pelos violinos, carrega o andamento para atmosferas ainda mais apaixonadas. Uma transição saborosa anuncia a volta da primeira parte do movimento (A), em que o tema inicial é variado e levado a um falso final, logo seguido pelo verdadeiro final da Coda.

O *Allegro grazioso* (*quasi andantino*) que está em terceira posição muda de compasso várias vezes, lembrando danças camponesas. Parece um *Scherzo*, pela animação, mas o fato de apresentar variantes ao tema principal sugere ser ele um rondó. Dois Trios salientes colorem essa seção de sabor popular e clima campestre.

O *Finale*, na tonalidade principal da obra, é um desenvolvimento *Allegro con spirito*. Como no primeiro movimento, tem-se aqui uma forma-sonata tratada com fartura de ideias. Seus dois temas principais são: o enunciado pelas cordas (*sotto voce*), entre alegre e misterioso; e aquele outro mostrado na região grave dos violinos, com acompanhamentos retirados do primeiro tema. Um terceiro elemento, dotado de enérgico ritmo, aparece então. Tanto o Desenvolvimento quanto a Reexposição são abertos pelo primeiro tema, que nos deixa participar de atmosferas variadas, estendendo-se do lirismo apaixonado ao heroísmo viril. E, depois de nos fazer lembrar do belo segundo tema por meio de uma fanfarra, Brahms por fim emprega o terceiro e ritmado elemento como base para a Coda de encerramento.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição SERGIO TELLAROLI
Projeto gráfico CARLO ZUFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA
Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE
Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO
Assessoria de imprensa EDISON PAES DE MELO (Editor)
CTP e impressão IPSIS



INFORMAÇÃO ENVELHECE, CONHECIMENTO RENOVA.

O Estadão renovou.
Renovou o layout. Renovou as seções.
Renovou a maneira de compartilhar
o conhecimento.

Uma pequena mudança na forma
que vai fazer toda a diferença para
o conteúdo, que continua completo,
profundo, analítico. E a partir de
agora muito mais agradável também.

Colunas mais arejadas. Destaque
para os principais dados. Mais espaço
para colunistas e para as análises.
E muito mais espaço para debates.
Além de novos suplementos como
Sábatico, C2+Música, C2 Domingo,
Planeta e o Guia, que passa a se
chamar Divirta-se.

Porque não adianta ter conhecimento
se ele não for acessível.



Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento

O ESTADO DE S. PAULO



SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

2010

Dezsö Ránki PIANO

13 e 14 de abril

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos REGÊNCIA

Johannes Moser VIOLONCELO

3 e 4 de maio

Nelson Goerner PIANO

18 e 19 de maio

Orquestra de Câmara de Basel

Sol Gabetta VIOLONCELO

31 de maio e 1º de junho

Yo-Yo Ma VIOLONCELO

Kathryn Stott PIANO

15 e 16 de junho

Anna Caterina Antonacci SOPRANO

Donald Sulzen PIANO

20 e 22 de julho

Hong Kong Sinfonietta

Yip Wing-Sie REGÊNCIA

Colleen Lee Ka-ling PIANO

14 e 16 de agosto

Musica Angelica

Carolyn Sampson SOPRANO

Daniel Taylor CONTRATENOR

20 e 22 de setembro

Orquestra Filarmônica da Radio France

Myung-Whun Chung REGÊNCIA

Sergio Tiempo PIANO

19 e 20 de outubro

Itzhak Perlman VIOLINO

22 e 23 de novembro

Datas e programação sujeitas a alterações.



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Alberto Goldman

Secretário de Estado da Cultura
João Sayad

Secretário-adjunto
Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete
Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Titular
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nistrovski

Administrador Artístico
Uli Schneider

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Diretor de Marketing
Carlos Harasawa

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Supervisora de Eventos
Mauren Stieven

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Gerente de Comunicação
Marcele Lucon Ghelardi

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Supervisora de Sites
Fabiana Ghantous

Assessoria de Imprensa
Alexandre Félix
Desirée Furoni

Supervisora de Publicações
Fernanda Salvetti Mosaner

Supervisora de Publicidade
Thalita Silveira

Departamento de Produção – OSESP
Analia Verônica Belli

Departamento Técnico
Marcello Anjinho

Departamento de Operações
Monica Cassia Ferreira

Assistentes Técnicos
Nil Campos
Sergio Cattini

Produção
Lucy Carvalho
Mauro Candotti
Viviane Martins Bressan
Marildo Lopes de Sousa Jr
Maytime Dias Abreu
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro
Walther Carvalho
Karina Lima Sliumba

Acústica
Cassio Mendes Antas
Reinaldo Marques de Oliveira

Iluminação
Paulo Pirondi

Som
Mauro Santiago Gois

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raimundo dos Santos

Montagem
João André Blásio
Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado
Samuel Calebe Alves

 GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
CADA VEZ MELHOR

FUNDAÇÃO OSESP
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CULTURA

SALA SÃO PAULO
10 ANOS

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.



www.telefonica.com.br

café filosófico
CPFL



cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio


cpflcultura